

MADRAS

Ex-votos, estesia e sacralidade – a urdidura do binômio vida-morte no tecido poético de Farnese de Andrade e Arthur Bispo do Rosário

Janaína Laport Bêta – Bacharel e licenciada em História da Arte pela UERJ e bacharelada em Pintura pela Escola de Belas Artes da UFRJ.

O presente estudo esgarça cuidadosamente tramas do tecido que corporifica obras de Farnese de Andrade e Arthur Bispo do Rosário, buscando estabelecer entre produções de densa carga poética, não obstante, díspares - pontos convergentes.

No entrelace de meadas urdidadas em arte, o tecido vivo – poéticas que se constituem, a um mesmo tempo, do universal e do particular. Bispo e Farnese, singulares modos de coser obras. Por tesouras o olhar pensante e arguto. Em retrós misto, linhas de vida e morte, conduzidas por agulhas ora sacras, ora profanas. Por intensidade do matiz dentre as muitas fibras um destaque: a sacralidade. A ser pensada em sentido outro que não o litúrgico; por vezes se apresentando na forma de ex-votos, em inúmeras outras, em vestes de corpo etéreo, quase um *voille*. Pensamento plástico - ténue véu a sacralizar a experiência interior [na alfaiataria de nosso pensamento moldes de George Bataille]: seja ela fé messiânica, angústia, erotismo ou riso - em livre jogo de velar e desvelar.

À margem das questões artísticas, a estesia da fé - advinda de paralelo universo sacro: salas de milagres. Em diálogo a materialidade da graça e a produção artística contemporânea. Galerias litúrgicas abrigam acervo colossal - objetos múltiplos que se agrupam em assemblagens, imbuídos da responsabilidade humilde de plasmar gratidão. Toda potência estética advinda do acúmulo, do fragmento; o ruído insano das imagens que

ferem o silêncio em contínuo murmúrio; retalhos de histórias individuais, diversas - das quais não se sabe o início, tão pouco o fim, apenas o meio - em alinhavos de fé se eternizam em ex-voto. Oração plástica que se faz audível ao olhar, imprimindo no observador sensação análoga àquela de estar parado arrabalde de ruidosa procissão.

Dos ex-votos, a estesia; da discussão plástica do binômio vida-morte, a sacralidade – de rocas distintas os fios, por tear a sensibilidade artística. Visualidades que habitam a superfície da trama poética em articulações existenciais, ainda assim menos evidentes na forma que nos conceitos que perpassam obras de Farnese de Andrade e Bispo do Rosário.

[Este o feitio da costura].

Antecedendo o risco, o molde – possibilidades múltiplas.

Dentre todas - o sagrado. Há que se estabelecer adequações do pensamento a esta instância.

Buscar o sagrado, livre, autônomo, despido de todo e qualquer conceito cerceador. Em arte enveredar por pensamentos onde conceitos se emancipam, absolvidos de compartimentações, maniqueísmos, dicotomias; a sacralidade a desvelar-se em multiplicidades; sagrado e profano em relações intercambiáveis se permeiam, mesclam-se. A hierofania em viés estético, perceptivo [na arte onde o corpo vê, sente, pensa] é de outra ordem – menos espírito que matéria, profana em sua sacralidade.

Em nossa humana história, muitas as faces do sagrado; algumas causam estranhamento e embebem em perplexidade o ocidental e moderno pensar. Vastas são as planícies por onde se espriam sentimentos sacros; em relações estreitas com especificidades culturais, é força manifesta em árvores, pedras, seres, águas – corpos naturais que em dado momento desvelam algo que excede sua condição imediata.

Na sacralização dos espaços, os eleitos. Em sagrações particulares,

vivenciais, a força do lugar memória, seja o homem cético ou crente: de infância, de amores, de sonhos. Espaços devidamente assinalados na cartografia dos seres como lugares sacros, onde se teceram relações homem-mundo, íntimas, essenciais – ao menos àqueles que poeticamente o habitam. Nossa busca: experienciar o sagrado em estâncias profanas, deixando-nos conduzir à fronteiras do sublime, onde a humana condição reafirma-se diante do poder que foge a paradigmas da razão cotidiana e fraca. Escapar de oposições supérfluas, limites bruscos, abreviações - não há em nossa agulha desejo de bainha. Pensar a heterogeneidade dos espaços. A força do espaço-lugar-sagrado que ordena o caos. Espaço-força que escapa à homogeneidade caótica. Espaço-obra, Espaço-arte. Antagônicos à neutralidade, não explicam: problematizam, tensionam.

A arte se firma como espaço sagrado por constituir-se força capaz de mover afetos, pela perenidade que confere a produções e pensamentos humanos, e, especialmente, pela potência estética e poética em múltiplas re-significações que inúmeras vezes, ao estreitar a distância que nos separa do sublime, reaproxima-nos de nós.

Para todo corte um risco. Sobre o tecido o molde.

Com o olhar – e neste momento tornamo-nos um pouco artistas – a ação. O risco antecede o corte. Traçar o sagrado. No desenho - esboçado a giz de cera - o contorno dos ex-votos.

Das salas de milagres estesia esmagadora - a materialidade da graça tem força poética. O corpo plástico da gratidão é fragmentado, multifacetado, não obstante, belo, potente. A fragmentação nos conduz aos domínios da poesia de T.S. Eliot, *cujo princípio demiúrgico reside na tensão antitética entre a parcela-fragmento e a soma poema* .
Objetos pendem agrupados, fortificados pelo acúmulo: pés, cabeças, braços pairam sobre nós – na gratidão do milagre, o teto da fé.

Não mais tábuas votivas – a carne dos ex-votos é industrial, produzida

em série. Na cera a fala: tempo presente, não há outro modo. Muitos são os tempos descritos na diversidade dos materiais que firmam a atemporalidade da fé.

Objetos religiosos produzidos em série - parafinas sépia e salmão.

Entre os testemunhos, objetos outros, advindos do cotidiano, descolados de seu contexto e resignificados, falam obliquamente de Marcel Duchamp, *ready mades* da fé. Testemunhos não verbais dos milagres particulares formam verdadeiras assemblagens de objetos para o desuso: relógios que marcam tempo - não o nosso, o desuso: relógios que marcam tempo - não o nosso, o da credulidade; tampas de panelas que ora estiveram vazias, ora cheias [quando assim, esse o milagre], fotografias que em busca de glorificar a cura, eternizam mazelas aprisionadas na superfície do papel; pedras retiradas do caminho; chapéus impregnados de memórias, brinquedos que não alegraram crianças; garrafas cujo líquido não será mais sorvido por lábios que foram absolvidos dos meandros do vício pela força da fé. Na arte do milagre, fé corporificada, ex-votos – o homem e a busca da forma plástica que plasme sua gratidão; cuja graça habita a força da credulidade.

Pedaços de mundos distintos, sacralizados em tais objetos, povoam espaços que se constituem verdadeiras galerias litúrgicas de visualidade e estesia imponentes. Objetos que por vezes migram deste território a outro também permeado de sacralidade, ainda que esta seja de outra ordem: o território da Obra – lá, sob o olhar pensante e artístico, a arte do milagre é veste sacra para o milagre da arte.

O esboço do risco a ser transposto para o tecido Bispo e Farnese: A visualidade estética advinda da fé popular como força por vezes latente, por outras, pulsante, entre fibras poéticas das obras a serem analisadas.

No tecido o risco - cortemos.

Farnese – O apropriar-se e profanar objetos sacros, consagrando objetos profanos na sagração de lugares-memória, corporificando em obras, aqui entendidas como ex-votos que não eternizam cura, o que George Bataille chama experiência interior: Angústia, riso e erotismo.

Bispo - fé messiânica advinda do delírio, dá corpo a uma produção artística consistente que se aproxima dos ex-votos, através da visualidade, do acúmulo nas assemblagens, vitrines e carrinhos de acumulação que nos remete às assemblagens da sala dos milagres, e pela condição inerente à obra que se insere naquilo que presentifica milagres – em Bispo, o da criação.

Acertemos as bordas – no tecido uma orela: a visualidade - aproximando produções de universos distintos que se tangenciam. Na outra extremidade a borda irregular, a espera de aparas: a condição de ex-voto excedendo a visualidade pura e simples, aproximando-se do pensamento, do conceito. Objeto plástico que plasma crenças, modos de ver e se relacionar com o que é sagrado e próprio a cada ser, produto da experiência interior. Pontas a serem unidas na costura.

Alinhavos

Farnese de Andrade

Não é paz, tão pouco hedonismo – é suplica, guerra, angústia.

No tecido poético vastidões desérticas, solares, demarcadas na experiência do homem consigo mesmo. Na gênese das obras sacralidades profanadas em apropriações: objetos de fé originários das salas de milagres [memoriais ao sofrimento], pequenos oratórios curtidos em murmúrios de ave-marias [(...) *há neles o mesmo anonimato das tábuas de corte e das mesas de açougue, adicionado aos mistérios divinos e a segredos íntimos; pois em vez de sangue, neles foram derramados lágrimas*], mobílias por vezes carcomidas, calejadas

de servilidade, fotos que eternizam os que já foram; bonecas mutiladas [impregnadas do choro de meninas as quais pertenceram ou não]; a escolha elege peças que emergem da dor. Objetos a se tornarem fragmento de outros, transpostos à esfera daquela que oscila entre o sagrado e o profano - a Arte.

A persistência do devir ex-voto - que já não celebra cura, tão pouco, vida – advindo não de uma autobiografia de fé, mas da experiência interior corporificada em poética de silêncio, angústia, riso, e erotismo. O artista transpõe seus limites, e se aproxima do sublime na medida em que abrevia a distância que se interpõe entre sua arte e o extremo do possível [delimitação fronteira entre razão e êxtase, pequenez e grandiosidade, morte e vida, medo e galhardia] . No extremo o homem escapa da estupidez que limita.

Farnese, na habilidade de transformar o particular em universal, avizinha-se do extremo do possível, quase o transpõe. Por matéria a ser transsubstanciada pela capacidade criadora, a angústia, materializada em obra – objeto plástico que se corporifica na condição de ex-voto - carne de sua experiência interior.

Interdições imemoriais advindas das cercanias da infância: proibições, censuras, espectros indissolutos, indissolúveis, arqueiam seus ombros. Exorcizá-los – reuni-los em um só espaço, confiná-los todos a um só tempo, aprisioná-los em obras – enigmáticas, quase indecifráveis.

Em sua arte objetos impregnados da ausência de esperança – um estado de desespero solar que nos conduz à vertigem da escrita de Georges Bataille sobre a angústia, assim como a inteligência, como meios de saber, que conduzem ao limite do extremo - onde o extremo do possível não é menos vida do que o conhecimento. Supõe riso, êxtase, aproximação aterrada da morte, agitação incessante do possível e do impossível.

Farnese justapõe objetos, mescla-os, arranca-lhes a origem, a utilidade.

Despe-os de sua forma primeira, traveste-os em outro, dando corpo a figuras perturbadoras, inexistentes no acervo imagético dos seres, meio-termos, alegorias da morte, repletas de emoção poética capaz de tocar-nos de modo incomum – “objetos de perplexidade”. A poesia aterradora, desesperançosa, abrigada nas imagens de Farnese, introduz o estranho pela via do familiar, e nos arrasta. Farnese disseca objetos e homens – em suas obras pedaços de sonhos, desejos, mesquinhas - desenho cruel e real do que somos. A vida sendo comandada pelo mesmo medo que cambia fé e esperança; o lenitivo: morte idealizada. Religião é a censura, a arte libertação. Dois frascos, um mesmo veneno.

A compreensão da morte, a finitude da carne, a brevidade torturante do tempo – atos da tragédia humana. No passado a perda, o que se foi não volta – o rio da vida corre e não retorna. O lugar-memória inquietante, cruel, faz do artista Farnese o guardião dos destroços, tragédias, dores. Em seus objetos, relatos-lembrança - rancores, depressões, recalques . Produtos de vivências próprias ou alheias [condição de possibilidade de esquizofrenia artística: *outrar-se*] .

Garimpeiro - debruçado sobre o oceano do tempo busca materiais que encerrem sensações perdidas, memórias inconfessas – o inconsciente, afetividades, religiosidade [ainda que de outra ordem].

Das dores que sacraliza, a maior: morte. Em relação de sagrada ironia estabelece flerte com a mãe de todos os mistérios. Na sacralização da morte, a angústia o riso e a libido conduzem ao êxtase - sua arte.

O que torna a face da morte angustiante é a necessidade que o homem tem da angústia. Subtraindo esta necessidade a morte parece fácil. Morrer mal nos distancia da natureza e engendra-nos em ilusório e humano mundo moldado pela arte – o trágico. Paradoxalmente a morte absolve da angústia, revelando-se consolo contra a consciência do sentir.

É neste mundo trágico, artificial, que nasce o êxtase. Sem dúvida todo objeto de êxtase é criado pela arte .

Do Silêncio e Da Angústia

Vimos do mar, 1978

Mas onde desembocam afinal as ondas de tudo que há de grande e sublime no homem? Não há, para essas correntes, um oceano? Seja este oceano: haverá um.

Ondas anti-sonoras emergem do cerne da obra e quebram na praia do que somos. Por espuma branca a sensibilidade estética a bordar a superfície lisa. Suspensa, inserida no silêncio abissal da resina, uma explosão de vida. Na condição antagônica do que sequer murmura, ela, a vida que costumeiramente grita, transfigura-se naquilo que cala, morre. Ausência das palavras, dos sons, do ar que os propagam - no vácuo do silenciar poético proliferam-se rumores da morte. Na dialética da existência proposta por Farnese, morte é tese, vida antítese. O silêncio brada a *fraqueza das sínteses* - é arauto da morte.

A palavra silêncio é ainda um ruído.

O silêncio em Farnese é linguagem, não esconde, mostra; exprime angústia inerente a tudo que é humano. Seu objeto: um ex-voto [possível leitura] - ainda que o relato seja antes de descrença - torna tangível a experiência calcada na angústia de perceber esboçado na pauta dos seres notas que compõem uma sinfonia de allegros e adágios - vida e morte regidas pelo tempo: limite, prisão – ao homem restando apenas a certeza do fim.

Sob a superfície fria da obra, Farnese é o criador, age, estagna. Congelamento [sensação de] - propriedade inerente às resinas –

evidencia a breve lacuna entre nascimento e morte. Resolução formal que avia possibilidades de transmitir, sacralizar, oceanizar sentimentos relativos às vastidões desérticas do homem, onde a insignificante condição de ser mortal impera e cala na alma angustiada.

Tempo suspenso, estagnado, congelado em poliéster [futuro-presente-passado]; o vazio, a não eternidade. *Vimos do Mar - a consciência é apenas uma pequena interrupção entre o nada e o nada - o vir-a-ser, o estado fetal, em silêncio diz de nossa condição, onde somos o que somos sem ousar sê-lo, sendo a experiência humana, apenas embrionária em nós. Não obstante temos a vontade de ser tudo, e esta vontade nos rouba estabilidade, despedaça-nos. Do começo ao fim desta vida humana, que é o nosso lote, a consciência do pouco de estabilidade, até da profunda falta de qualquer verdadeira estabilidade, libera os encantos do riso.*

Da Angústia e Do Riso

Sem título, 1978-1984

O riso comum supõe a ausência de uma verdadeira angústia, e, no entanto, a sua fonte é também a angústia.

Georges Bataille*

Vida - risível em sua finitude.

Homem - religioso, intelectual, filosófico – vulnerável, efêmero, escravo do tempo. A tragédia humana que o artista transmuta em obra tem vários atos, por vezes se avizinha da comédia. Na vertigem da escrita de Bataille a vida se perde na morte, os rios no mar e o conhecido no desconhecido, onde o contra-senso é o resultado de cada sentido possível; assim também em Farnese, onde a angústia perde-se no riso.

Também o riso em Farnese é dolorido, doloroso, corporifica-se em amarga ironia, sarcasmo. Fazer rir - faculdade inerente aos ébrios que sorvem, em grandes goles, na taça das amarguras, o líquido destilado em todas as dores, capaz de conduzir os iniciados à embriaguez do humor sarcástico.

O riso se contrapõe ao sério das religiões e dos religiosos, da filosofia e dos filósofos, das ideologias e dos ideólogos. Em arte o divertido combate o tedioso sem, contudo, se opor ou negar a seriedade. *Para o pensar não há nenhum ponto de partida melhor que o riso. E as sacudidas do diafragma oferecem comumente melhores chances para o pensamento do que as comodidades da alma .*

São Jorge a transitar entre o sagrado e o profano, o mito e a religião. Em sua simbologia, luta, destemor, por grandiosidade a coragem – o cavaleiro em sua armadura reluzente vence o medo, enfrenta a morte – eterniza-se no mito.

Farnese desvela no Santo sua humana condição ao submetê-lo a decrepitude. Por montaria um cavalo sem cabeça, na imagem um corpo maculado, arruinado, submetido ao tempo que eterniza mitos, mas não absolve a matéria, devasta-a.

Na profanação do sagrado a redução do guerreiro mítico a uma humanidade risível. Em sua obra o desconforto do sarcasmo - o artista zomba dos outros e de si, da credulidade; aqui a experiência interior se

dá no riso, mas aquele que provém da angústia asfixiante, que atira ao fosso do real, nega o sonho, condena ao vácuo da descrença. Um brinde ao dissabor em lábios embebidos no escárnio que se desenha no riso daquele que em seu êxtase nos mostra a verdade do “herói”, apresentando-nos ao hilário do humano que fabrica ídolos não de barro, mas gesso, como que apenas para vê-los ruir.

Da Libido e Do Erotismo

Oratório de Mulher, 1980-82.

*O armário cheio do tumulto mudo das lembranças***

Milosz

Depressão psíquica - transborda limites do explicável, na vivência a única possibilidade verídica de conhecimento de tão profunda penúria, que não se assemelha a nenhuma dor física, excede as possibilidades do corpo, posto que é a alma quem está adoecida.

A violência da doença conduz Farnese às portas da esquizofrenia, mantendo-o distante de tudo: trabalho, vida, de si mesmo. Clausura - sufoca trancafiado na caixa do próprio eu, a cada canto escuro do desespero passivo clamores de morte. Curado, retorna ao atelier, reconcilia-se com a arte, mas já não suporta a visualidade do que se fecha – caixas, armários, oratórios.

Os armários encerravam promessas, segredos, memórias [*um poeta (...) sabe por instinto que o espaço interior do velho armário é profundo (...) um espaço de intimidade que não se abre a qualquer um*]. O antes fechado cambia-se em abertura, doação, entrega - com intensa carga de

erotismo e sensualidade. Do universo sacrossanto da cozinha, dos temperos, de todos os molhos, a forma perfeita – o devir feminino do artista sob a condição formal da gamela – imagem metafórica da feminilidade escavada em madeira: o que se abre, oferta, doa, serve.

No oratório de portas abertas, o convite - segredo revelado, murmurado por gamelas que se sobrepõem em grandes e pequenos lábios.

Oratório - masculinidade.

Gamelas – sensualidade, feminilidade.

Na sacralidade profanada segredos revelados – sexualidade, erotismo.

O homem ignorante do erotismo é tão alheio ao término do possível quanto ele é sem experiência interior. É preciso escolher o caminho árduo, movimentado – o do “homem inteiro” não mutilado . O oratório de Farnese diz dos desejos contidos, inconfessos, do corpo que anseia ser outro. Do cérebro masculino, do desejo feminino.

Na experiência interior do erotismo, o êxtase artístico: Oratório de mulher.

Nos alinhavos o princípio da forma a que submetemos o tecido Farnese, onde fibras encerram experiências com um sagrado de ordem particular, subjetiva, individual, que tem origem na memória dos afetos, nos lugares-lembrança, na angústia contida. Estas sagrações particulares corporificadas em objetos de arte pertencem ao domínio do conceito de ex-votos, corporificam a doença. Em semelhanças e diferenças se aproxima do tecido Bispo - em nossa costura os chamaremos anverso gêmeo .

Alinhavos

Arthur Bispo do Rosário

Só a alma atormentada pode trazer para a voz um formato de pássaro.

Manoel de Barros

Coisas perfeitas ao desuso, objetos desprezados – sob o olhar encantado do poeta das linhas, encontram a sagração. Outro revelar poético, quase místico, diz de sua *obra ardente de restos: estandartes podres, lençóis encardidos, botões cariados, coisas apropriadas ao abandono*. O poeta outro – da palavra - percebe entre os objetos um buquê de pedras em flor e desvenda: *Esse Arthur Bispo do Rosário acreditava em nada e em Deus* .

A urdidura do tecido que corporifica a poética de Bispo se dá em teares da ordem da experiência interior; por mão tecelã, fé messiânica, que, em destra ordem, faz com que o gesto mais forte que a própria mão a urdir, sentencie: inventariar o universo.

Em universo sem fronteiras, o viajor Bispo, na qualidade de guerreiro da *vida repleta de coisas de não*, mergulha no extremo do possível e transpõe os limites do impossível – lá o devir artista e o fio azul destecido do próprio uniforme de louco, guiar-lhe-á através do labirinto da razão cotidiana e fraca.

Êxtase - a máquina bispo se faz desejanter, o particular-universal desponta em múltiplas quinquilharias agrupadas, fortificadas no acúmulo, na potência dos monturos resignificados em arte. Átomos de sensibilidade poética transmutados, repartidos, catalogados em explosões - cada obra um ex-voto a este milagre. Campos em expansão –

pulsão de vida.

Bispo do Rosário, construção a que se pode chamar vida – visceral, ainda que à flor da pele. A experiência interior em Bispo é exterior – seu avesso é mais visível que um poste.

De *Penépole* e da aranha se aproxima no tecer e destecer – contudo não desfaz o já feito; no desfiar do tecido azul dos uniformes a condição de possibilidade de tecer sua obra, ordenar o caos, circular pelo labirinto. Segue o fio, mas distancia-se de *Teseu*, não intenta vencer a engenhosa prisão, não deseja o devir herói, é poeta, seu querer é a vertigem das idas e vindas em território onde é *prisioneiro* [voluntário?] *da passagem*.

No azul-melancolia de seu fio repousa o devir asas – desvelado em seu manto da apresentação; nave da passagem [seu destino] - antes há que inventariar. Em seus objetos a narrativa, mundo catalogado – Catalogar é presentificar. Assim como ex-votos que corporificam a graça alcançada, a obra de Bispo presentifica a vida, impedindo o tragar voraz, ainda que silencioso, do esquecimento.

O fio azul enforma obstinadamente objetos, em repetição conformada, dos que lidam com o espaço intermitente da espera – na repetição a universalidade do particular.

No olhar de Bispo capacidade para *transver* o mundo. Do lugar-memória não advêm imagens, mas sensações – Imagens são criações poéticas, concepções do artista. Para além da memória, a arte que como o sono, recorre ao pensamento puro, à essência.

Em tudo que é humano, o nobre habita a criação.

Um oceano de sensações - navegá-lo em muitas fragatas. Devir artista – salva-vidas de um naufrágio em marés de outros, inerentes ao louco. Sua arte – a saúde na doença. Suas vitrines – ex-votos de vida. *Onde há obra não há loucura*.

Arte, vigor, aquilo que se pode chamar vida – criar em Bispo é emergir; neste ato o respirar todas as curas, fazer-se são.

Não há em Bispo espaço lacunar onde se insiram prontuários institucionais. Não há doença mental, há loucura - experiência interior nos moldes vertiginosos de Bataille – fuga da norma, o ruir de barreiras erigidas pela razão cotidiana, transgressão.

No estado estrangeiro, do que empreende viagem, a força de Bispo: *Eu Vim*.

O *Eu* em bordado azul se inscreve em estandartes de fé. Ele, Bispo, a dizer que Veio - em sua linha o proclamar de um mundo sem abismos. Pelas mãos criadoras, o inventário da jornada: *material existente na terra dos homens* - registros de sua passagem . Objetos enformados - objetos do tempo, da paciência – do confinamento a espera de. Tempo estendido, tempo-repetição. No ato contínuo - o enrolar do fio - a sublimação do tempo-espera. Tempo-espaço.

Fio-ampulheta.

No inaugurar do devir tecelão, a urdidura do tecido existencial – na costura, a sutura do ser. Não há cicatrizes, mas bordados, que fazem vibrar a forma e a palavra.

Nos bordados o ritmo tátil das palavras. Desgarradas do sentido - potência, materialidade; na carne da escrita pensamento e comoção se fundem em Obra.

Obra – fragmentos de vida que se potencializam no acúmulo. Corporificar, catalogar: homem, mundo, anseios, devires. *Obrar* em arte. No labor o corpo poético da fé messiânica. Em tudo que é humano, o nobre habita a criação – em Bispo a sagração particular da condição humana – ex-voto à existência e a capacidade do homem de se re-criar.

Inventariar - re-inventar.

Arraia

Os loucos são como os beija-flores, vivem a dois metros do chão.

Bispo do Rosário

O devir pipa repousa no objeto que tem anseios de céu:

Soltaremos, soltar, soltamos, solta, solte, soltando, solt semos.

O *Prisioneiro da passagem* quer vôo, o devir asas borda o sonho em azul – palavras o corporificam: corpo etéreo. O vôo tem data: *28 de junho de 1972* – aleatória? Eleita? Qual a diferença?

Soltava, soltei, soltou.

Percebemos então o lugar-memória e podemos sentir o vento e ouvir o riso dos garotos, que se desenham na liberdade do fio que empina a pipa recriada, bordada no devir pipa – devir menino: faculdade do encantamento, do rir sem motivo, e neste, todos os. Riso em Bispo é transcendência, volição - a palavra *garotos* sorri.

O vôo dentro do vôo. Re-inventar para inventariar.

Tantas obras a ler, todas ali – estandartes que trazem um oceano de emoções no desejo de além-mar; objetos para viagem - inúmeros, quase incontáveis – presentificam o universo em azul; sapatos com desejo de caminho; bolsas para todos os passeios; gravatas para trajés endomingados; venda para olhos - no devir cegueira a viagem interior do oráculo; faixas de misses: roteiros de viagens; Cama: a viagem do sonho no amor por Rosângela Maria [sua *Dulcinea*]; o manto da apresentação em toda sua complexidade estética: traje de gala para o viajor; capa de

Exu: mensageiro entre mundos - o que viaja. Bispo anseia a viagem, antes há que inventariar.

Na pipa a janela para a poética Bispo, em seu tecido fibras de outras obras - No devir pipa, devires múltiplos: possibilidade real de viagem no universo irreal da criação.

Arraia - Ex-voto à liberdade anunciada.

Ele, o Bispo:

Acompanhado por 7 anjos em nuvens espaciais [...].

Costura

Unir em costura. Por agulha o olhar aprendiz. No desvelar de poéticas de sacralizações a fruição acompanha os pontos que dão forma ao pensamento.

Nos tecidos eleitos, sagrações particulares, perenes em obras - universais. Produções sagradas por essência, são urdidas de modos distintos pela fé litúrgica, pela angústia e desejo de morte, e, pela pulsão de vida. Aqui pensadas sob o conceito de ex-votos.

Na fé litúrgica, a sagração do milagre, da cura. Em Farnese, a sagração das dores humanas - seus ex-votos eternizam em arte não a saúde, mas mazelas, na sacralização dos devires da angústia: doença, conflito, dor. Em sua produção *modos de saber, modos de adoecer* . Em Bispo

sacralizações múltiplas: do mundo [criado por Deus, recriado pelo homem]; da liberdade [sonho do *prisioneiro da passagem*]; da *e* xistência. Obra delírio, vertigem, experiência interior em sentido pleno - ex-votos de vida. Arte, saúde – Obra - *proposições medicinais* do devir artista .

Oceanizar sentimentos e navegá-los. Experiência interior - possibilidade de viagem por tais mares. Nas profundidades abissais, o término do possível – ir ao término, ultrapassar o conhecimento como fim. Arte, oxigênio para o mergulho no extremo. Nas obras de Farnese e Bispo a sacralização desta experiência-viagem.

A loucura, um oceano.

Em Farnese o caminhar na praia; em Bispo, o mergulho.

Bispo e Farnese compartilham o fascínio deste oceano de modos distintos. Em Farnese a experiência interior é da ordem da angústia, daquele que está na margem, na areia que encerra as vastidões desérticas, desespero solar. Através dos conflitos da bipolaridade caminha na praia - no meio do oceano uma ilha - a recolher sentimentos e objetos trazidos por marés.

Bispo submerge para emergir.

Farnese se aproxima dos limites do possível.

O devir loucura Bispo transpõe, o devir arte por salva-vidas. No devir louco a possibilidade de transpor o limite do possível. Bispo borda fragatas e navega.

Em Farnese a experiência interior se corporifica em ex-votos que sagram a doença, a finitude, a morte. Em Bispo a fé messiânica que o impele a inventariar o universo, se presentifica em ex-votos de vida - o viajante se põe a *obrar*. Em objetos-lembrança o artista-viajor enforma registros de sua passagem pela terra, viagem em que cruzou o oceano da loucura.

Farnese - no silêncio de seus ex-votos, a dileção doença-arte – um entre múltiplos devires. Bispo - em seus ex-votos o grito da sutura em linha azul – capacidade de regeneração, re-criação. No tecido Bispo-Farnese, o binômio vida-morte. Na costura produções díspares dão forma a um só manto de sacralidades profanas – de anverso duplo.

Bispo e Farnese: *suplementos* . O mesmo diferente.

Arremate

Fios: de sensações, sentimentos, crenças, sagrações, sanidade, loucura e fé, entrelaçam-se e tecem as individualidades Bispo e Farnese. Ambos - de modo particular, individual - lançam mão do tecido essencial urdido a partir das experiências e dos modos como se relacionam com o mundo. Em cada artista o devir alfaiate: no cortar e coser, a obra.

No conjunto de obras a poética de ambos constitui outro tecido. Sobre este, em metacostura, cortamos e cosemos o pensamento que buscou o conceito ex-voto. No arremate não há pretensões de amarras - no avesso da escrita, linhas que permanecem soltas, posto que em arte e pensamento toda costura tem em si a condição de alinhavo.

Bordado

Fragmentos sagrados e profanos urdiram estas madras – cortar e coser. Um traje, um manto – a escrita. No acúmulo de toda sorte de crenças, por vezes na descrença – fé, poesia, pensamento – sacralidades. A Arte, em religiosidade outra, aproxima-nos menos de Deus que de nossa humana condição, onde há sagração dos relatos, vivências perenes em obra – angústias, alguma certeza e dúvidas atrozess conduzem a questão que se estabelece paradoxal: eterna finitude. Seguimos. Santos em nossa humanidade poética - na errância de vivermos o que julgamos vida, e

morrermos o que entendemos morte. Para cada milagre cotidiano e suas particularidades - que em Arte se fazem eternos, universais – um ex-voto e uma prece:

Rogai por nós pecadores agora e na hora de nossa morte

Rogai por nós agora e na hora de nossa morte.

Fragmento de *Quarta-feira de cinzas* - T.S.Eliot.

Aviamentos

ALMEIDA PRADO, Décio de. *O Teatro Brasileiro Moderno* . São Paulo: Perspectiva, 1996.

AQUINO, Ricardo. *Do Pitoresco ao Pontual: uma Imagem-Biografia*. In Bispo do Rosário século XX. Rio de Janeiro: Museu Bispo do Rosário e prefeitura da cidade do Rio de Janeiro, 2006.

BACHELARD, Gaston. *A Poética do Espaço*. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

BARROS, Manoel. *Livro Sobre Nada*. São Paulo, Editora Record, 2002.

BARTHES, Roland. *O Prazer do Texto*. Perspectiva: São Paulo, 2004.

BATAILLE, Georges. *A Experiência Interior*. Tradução de Celso Libânio Coutinho et ali. São Paulo, Editora Ática, 1992.

BENJAMIN, Walter. *O autor como produtor*. In Walter Benjamin: Obras escolhidas. São Paulo: Brasiliense, 1985.

BOURGEOIS, Luise. *Arthur Bispo do Rosário*. In Bispo do Rosário século XX. Rio de Janeiro: Museu Bispo do Rosário e prefeitura da cidade do Rio de Janeiro, 2006.

BURROWES, Patrícia. *O universo segundo Arthur Bispo do Rosário*. Rio de Janeiro: FGV, 1999.

COELHO, Teixeira. *Farnese de Andrade – Humor Sacro*. In: Especial Bravo! Minas Gerais – parte integrante da revista Bravo! Editora Abril - Ano 9, setembro de 2006. Pág. 32-34.

COSAC, Charles. *Hábitos Estranhos*. In: *Farnese Objetos*. São Paulo: Cosac naify, 2005.

CRUZ VIZACO, Lucenne Maria da. *Verso reverso*. In revista sala dois quartos corpo discente do Instituto de Artes da UERJ. V.1 n.1. Rio de Janeiro julho de 2005.

DERRIDA, Jacques. *A Farmácia de Platão*. Trad. Rogério da Costa. São Paulo: Iluminuras, 2005.

DELEUZE, Gilles. *Proust e os Signos*. São Paulo: Ed. 34, 2003.

DUARTE, Ana Helena da Silva Delfino. *EX-votos e Poiesis: Olhar estético sobre a religiosidade popular em Minas Gerais*. 2003. Dissertação de Mestrado em História Social. Programa de Pós-graduação em História da Universidade Federal de Uberlândia.

ELIADE, Mircea. *O Sagrado e o Profano*. Trad. Rogério Fernandes. São Paulo. Ed Martins Fontes, 1999.

ELIOT, T.S. *Obra Completa Volume I Poesia*. Tradução, introdução e notas de Ivan Junqueira. São Paulo: Arx, 2004.

FARNESE DE ANDRADE. *A Grande Alegria*. In: *Farnese Objetos* . São Paulo: Cosac naify, 2005.

FOUCAULT, Michel. *História da loucura na idade clássica*. São Paulo: Perspectiva, 1978.

GOMES, Alair O. *Os Espaços do Sonho*. In: *Revista Cultura – Ano 2 – nº 7 julho a setembro de 1972*.

HERKENHOFF, Paulo. *A vontade de Arte e o Material Existente na Terra dos Homens* . In *Bispo do Rosário século XX*. Rio de Janeiro: Museu Bispo do Rosário e prefeitura da cidade do Rio de Janeiro, 2006.

LAGNADO, Lisette. *Arthur Bispo do Rosário e a Instituição*. In *Por que Duchamp? Leituras duchampianas por artistas e críticos brasileiros*. São Paulo: Itaú Cultural: Paço das Artes, 1999.

LÁZARO, Wilson. *Segunda Pele*. In *Bispo do Rosário século XX*. Rio de Janeiro: Museu Bispo do Rosário e prefeitura da cidade do Rio de Janeiro, 2006.

LONTRA COSTA , Marcus de. *Pecados Encerrados* . In: *Farnese de Andrade – Objetos – Rio de Janeiro - Catálogo da exposição de 26 de maio a 17 de junho de 1992*. Galeria Anna Maria Niemeyer

MASTROBUONO, Marco Antônio. *Todo Humano*. In: *Farnese Objetos* . São Paulo: Cosac naify, 2005.

Chuleio

JUNQUEIRA, Ivan. *Eliot e a poética do Fragmento* . In: ELIOT, T.S. *Obra Completa Volume I Poesia*. Tradução, introdução e notas de Ivan Junqueira. São Paulo: Arx, 2004. Pág. 19 .

COSAC, Charles. *Farnese Objetos*. São Paulo: Cosac Naify, 2005. pág. 41

BATAILLE, Georges. *A Experiência Interior*. Tradução de Celso Libânio Coutinho et ali. São Paulo, Editora Ática, 1992. Pág. 44 - O autor diz acerca do desespero: “*O desespero é simples: é a ausência de esperança, de qualquer engodo. É o estado das vastidões desertas e – posso imaginar – do sol*” .

COSAC, Charles (2005) diz, ao discorrer sobre os relatos de dor, solidão, complexos etc de Farnese, que sua obra é exclusivamente autobiográfica. Discordo com veemência do autor, pois ainda que a obra do artista parta do individual, de suas vivências pessoais, e sua angústia esteja presente entre os materiais utilizados, sua obra trata de assuntos universais. O termo “exclusivamente” a meu ver é restritivo e inadequado.

Expressão de Alberto Pucheu em ensaio sobre livro de Roberto Corrêa dos Santos : *Talvez Roland, Talvez Roberto* . In: Pequena Morte, revista eletrônica bimestral edição 4. In:
[http://www.pequenamorte.com/category/ensaios/talvezroland,talvezroberto](http://www.pequenamorte.com/category/ensaios/talvezroland,talvezroberto-alberto)

pucheu.

BATAILLE, Georges. *Op. Cit.*, Pág. 79.

BATAILLE, Georges. *Op. Cit.*, Pág. 35.

LONTRA COSTA, Marcus de. LONTRA COSTA , Marcus de. *Pecados Encerrados* . In: Farnese de Andrade – Objetos – Rio de Janeiro - Catálogo da exposição de 26 de maio a 17 de junho de 1992. Galeria Anna Maria Niemeyer.

BATAILLE, Georges. *Op. Cit.*, Pág. 102

BENJAMIN, Walter. *O autor como produtor*. In Walter Benjamin: Obras escolhidas. São Paulo: Brasiliense, 1985.

BACHELARD, Gaston. *A Poética do Espaço*. São Paulo: Martins Fontes, 2003. Pág.91.

BATAILLE, Georges. op. cit. P. 31.

BARROS, Manoel. *Livro Sobre Nada*. São Paulo, Editora Record, 2002. Pág. 83

Título do Filme de Hugo Denizart (1982) sobre Bispo do Rosário.

Deleuze estabelece este pensamento a propósito da obra de Proust.
DELEUZE, Gilles. Proust e os Signos. São Paulo: Ed. 34, 2003. Pág. 44:
“Como o sono, a arte está para além da memória e recorre ao pensamento puro com faculdade das essências”

FOUCAULT, Michel. História da loucura na idade clássica. São Paulo: Perspectiva, 1978. pág. 530.

As expressões *modos de saber*, *modos de adoecer* e *proposições medicinais* são respectivamente títulos de livro e texto de Roberto Corrêa dos Santos. SANTOS, Roberto Corrêa dos. *Modos de saber. Modos de adoecer* . Belo Horizonte: UFMG, 1999. POEMA –

PROPOSIÇÕES MEDICINAIS.

Epígrafes

* BATAILLE, Georges. *A Experiência Interior*. Tradução de Celso Libânio Coutinho et ali. São Paulo, Editora Ática, 1992.

* In: BACHELARD, Gaston. *A Poética do Espaço*. São Paulo: Martins Fontes, 2003.